

INTER-RELAÇÕES ENTRE FATORES FÍSICOS E SOCIOECONÔMICOS NA DINÂMICA DE USO DA TERRA NO EXTREMO SUL DA BAHIA.

INTERRELATIONS BETWEEN PHYSICAL FACTORS AND SOCIO-ECONOMIC DYNAMICS OF LAND USE IN THE EXTREME SOUTHERN BAHIA.

Thiara Messias de Almeida
Universidade Estadual de Santa Cruz
thiaramessias@gmail.com

Amom Chrystian de Oliveira Teixeira
Universidade Estadual de Santa Cruz
amomteixeira@gmail.com

RESUMO

O desenvolvimento de atividades econômicas em uma região é condicionado por uma série de fatores inter-relacionados, dentre os quais se destacam os elementos econômicos, sociais e naturais. Estas inter-relações podem ser observadas na dinâmica de uso e ocupação da terra no extremo sul da Bahia. Devido à disponibilidade de atrativos naturais, a silvicultura tem provocado novas formas de acumulação capitalista e exploração da natureza, reconfigurando o espaço regional da área em questão. Este artigo tem como objetivo mostrar as relações entre os recursos naturais, econômicos e sociais na reconfiguração do espaço regional. Foram realizados levantamentos bibliográficos sobre as características naturais da região e de dados socioeconômicos, referentes à estrutura fundiária, uso da terra e dinâmica populacional dos últimos trinta anos, utilizando dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e da SEI (Superintendência de Estudos Sociais e Econômicos da Bahia). Foi observado, que as características naturais da região propiciaram prosperidade para o setor florestal que se desenvolveu ocupando extensas áreas de terra, provocando concentração fundiária, expressa pelo Índice de Gini. As transformações observadas foram ainda acompanhadas de migração da população do meio rural para o urbano em busca de melhores oportunidades.

Palavras-chave: celulose, atividades econômicas, desenvolvimento

ABSTRACT

The development of economic activities in a region is affected by a number of interrelated factors, among which are highlighted the economic, social and natural elements. These interrelations can be observed in the land use and occupancy dynamics, in the spaces of the extreme Southern Bahia. In this region, due to the natural attractions availability, forestry has been leading to new forms of capitalist accumulation and exploitation of nature, reconfiguring the regional space. This article aims to show the relationships between natural, economic and social resources in the reconfiguration of the regional space. For this, the work relied on literature surveys about the natural characteristics of the region and socioeconomic data, relating to land ownership, land use and population dynamics of the last thirty years, using data obtained from the IBGE (Brazilian Institute of Geography and Statistics) and SEI (Superintendency of Social and Economic Studies of Bahia). It was observed that the natural characteristics of the region have brought prosperity to the forestry sector, which has developed itself, occupying large areas of land, causing land concentration, measured by the Gini Index. The observed transformations were also accompanied by migration of population from rural to urban in search of better opportunities.

Keywords: cellulose, economic activities, development

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento de atividades econômicas em uma região é condicionado por uma série de fatores, destacando-se os de ordem econômica, social e natural. A existência de condições econômicas favoráveis como: mão-de-obra barata, estabilidade econômica e social, incentivos fiscais, existência de infra-estrutura adequada à produção e escoamento, irão contribuir para os investimentos de grandes grupos e empresas em determinadas atividades econômicas (Clemente, 1994; Stal, 2008). De modo semelhante, atua a existência de recursos naturais tais como solos, clima e relevo apropriados que influenciarão positivamente os investimentos

Atualmente, com o advento da revolução agrícola e industrial pela qual passou o campo brasileiro, os fatores naturais ainda exercem influência significativa na organização do espaço agrário. No modelo industrial adotado pela sociedade capitalista voltado para a produção de mercado, em curto prazo, os recursos naturais aparecem como forma de diminuir custos e potencializar lucros (Medeiros, 2009). Não fugindo a lógica capitalista de produção, a forma de construção espacial citada, pode ser observada nos últimos trinta anos na região do extremo sul da Bahia.

A atividade florestal e a produção de pasta de celulose têm se desenvolvido na região, produzindo uma nova vocação econômica, devido principalmente à disponibilidade de recursos naturais e a atuação do Estado como indutor da atividade. Esta nova vocação tem provocado novas formas de acumulação capitalista e exploração do território, modificando a dinâmica de uso da terra, a estrutura social, e a lógica de crescimento econômico.

Isso aconteceu porque no final dos anos de 1970, o governo federal passou a estimular a produção de papel e celulose no Brasil, destinados a atender o mercado externo (Souza e Oliveira, 2002a). Seguindo esta tendência, grupos madeireiros, principalmente do norte do Espírito Santo e Minas Gerais expandiram suas plantações para a região do extremo sul da Bahia devido à existência de atividades locais apresentadas como: condições edafoclimáticas favoráveis, disponibilidade de terras, mão-de-obra, incentivos governamentais ao capital privado e proximidade da

região com o Portocel, porto especializado na exportação de celulose, em Barra do Riacho-ES (CAR, 1994). Sendo a década de 1980, o marco de entrada desta atividade na região possibilitado pela construção da BR 101. Além disso, a disponibilidade de mão-de-obra barata e a debilidade sindical ofereciam à essa região uma vantagem competitiva quando comparada ao sudeste.

Essa nova forma de uso e apropriação dos recursos no extremo sul baiano alterou a paisagem regional e as formas dos grupos sociais manejarem a natureza, em busca de benefícios imediatos que geram lucros. Passa-se a explorar os recursos naturais com maior intensidade para a produção em massa voltada para a exportação, e os lucros produzidos reinvestidos fora do país.

O posterior crescimento e expansão do eucalipto no Extremo Sul foi possível principalmente por suas características naturais como topografia, pluviosidade, insolação, solos e disponibilidade de água que fizeram com que a região conseguisse a maior produtividade de madeira em toras para papel e celulose por hectare do mundo (Souza e Oliveira, 2002a).

O cultivo de eucalipto, junto à produção de papel e celulose causou um grande impacto na estrutura produtiva da indústria na região, dinamizando a economia pelo aporte de capital empregado, provocando mudanças socioeconômicas pelas novas formas de organização e uso do solo. Assim, percebe-se que a silvicultura vem produzindo relevantes transformações na reorganização e reprodução do espaço regional decorrentes das novas formas de exploração da natureza que estão sendo desenvolvidas. Este artigo tem como objetivo, mostrar as inter-relações entre os recursos naturais, econômicos e sociais na reconfiguração do espaço da região do extremo sul da Bahia ocorrida nos últimos trinta anos.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

O trabalho contou com levantamento bibliográfico das características naturais da região e levantamento de dados socioeconômicos de característica secundária referentes à estrutura fundiária, uso da terra e dinâmica populacional realizado junto ao IBGE (Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística) e a SEI (Superintendência de Estudos Sociais e Econômicos da Bahia). Para a caracterização das transformações socioeconômicas e dos processos decorrentes da implantação e expansão do cultivo de eucalipto no extremo sul da Bahia foi considerado o período referente aos últimos 30 anos, marco da introdução da eucaliptocultura na região, analisando as séries históricas de censos agropecuários e demográficos do IBGE, e informações disponíveis nesses órgãos de pesquisa.

2.1. Área de estudo

O Extremo sul da Bahia localiza-se entre as coordenadas geográficas de 15°45' a 18°30' de latitude sul e de 30°50' a 40°40' de longitude W, com uma área de aproximadamente 30.420 km², representando 5,42% do total do território estadual, compreendendo vinte e um municípios (CEI, 1992). É composta de 21 municípios: Alcobaça, Belmonte, Caravelas, Eunápolis, Guaratinga, Ibirapuan, Itabela, Itagimirim, Itapebi, Itamarajú, Itanhém, Jucuruçu, Lagedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Porto Seguro, Prado, Santa Cruz de Cabrália, Teixeira de Freitas e Vereda. A Figura 1 apresenta o mapa de localização da região.

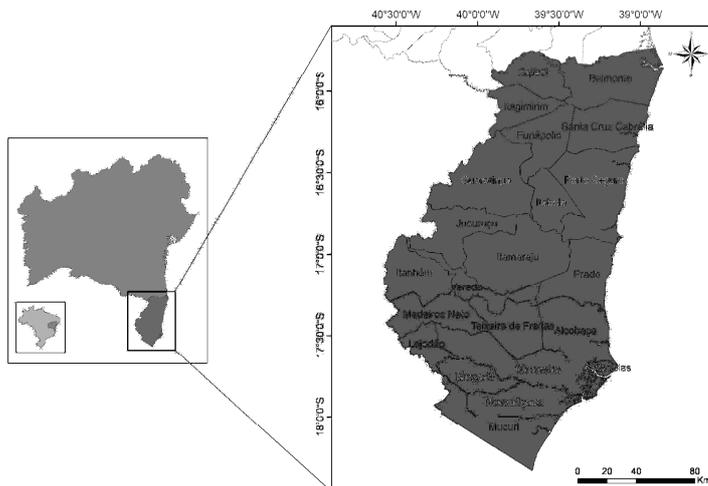


Figura 1 – Localização da região do extremo sul da Bahia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A topografia é plana nas áreas de baixadas litorâneas e nas planícies aluviais, localizadas próximo ao litoral. Alguns municípios apresentam

planaltos rebaixados, atingindo até 250 metros; e nos pontos mais afastados da costa, com altitude média de 125 metros (Couto, 2004). Os sedimentos do Grupo Barreiras recobrem grande parte da área, principalmente ao longo do litoral. São assinaladas três unidade geomorfológicas: os Tabuleiros Costeiros sustentados pelos sedimentos terciários do Grupo Barreiras, as planícies flúvio-marinhas, constituídas por sedimentos quaternários, e a superfície Pré-Litorânea, formada por rochas pré-cambrianas, de idade mais antiga (Dantas e Medina, 2000).

Os tipos climáticos encontrados segundo a classificação de Köppen é o Af e Am, tropical úmido e o tropical sub-úmido, respectivamente. Na faixa costeira, o clima é do tipo Af, mais úmido devido à influência da maritimidade. O clima é quente com temperatura superior a 18°C (Bernardes et al., 2000).

Os principais rios que compõem as bacias hidrográficas do extremo sul da Bahia são: Buranhém, Alcobaça, Peruípe, Mucuri e Jequitinhonha. Na região, a disponibilidade e qualidade dos recursos hídricos estão diretamente relacionadas aos usos do solo e da água. O solo é utilizado com pastagens, reflorestamentos de eucalipto, agricultura, urbanização e atividades industriais, as quais são atividades econômicas que acabam comprometendo os recursos naturais (Santos e Silva, 2004).

A floresta que se localiza ao longo do litoral do Estado da Bahia é um ecossistema que apresenta feições variadas na estreita dependência dos índices pluviométricos e vai desde a floresta ombrófila densa, conhecida como Mata Atlântica à floresta estacional semi-decidual e à floresta estacional decidual (Alcoforado, 2003).

Os solos são bastante desenvolvidos e lixiviados devido ao alto índice pluviométrico que favorece a remoção de bases e sílica do perfil, sendo em sua maioria distróficos. Devido à baixa fertilidade natural, necessitam de adubação e correção de acidez, apresentando em condições naturais, aptidão agrícola para lavouras e pastagens (CRA, 2001). Predominam classes de solos como: os Latossolos Amarelos e Vermelho-Amarelos, Argissolos, Espodossolos, sobre os tabuleiros costeiros e os Latossolos Vermelho-Amarelo e Vermelho-Escuro, sobre os terrenos cristalinos; e solos Aluviais, Gleis e Areias

Quartzosas sobre as planícies flúvio-marinhas (Dantas et al., 2002).

As riquezas naturais da região indicam potencialidades variadas, que se refletem nos padrões de uso da terra e na economia regional, a maioria das terras agricultáveis são utilizadas com pastagens, fruticultura e o eucalipto.

Várias são as culturas desenvolvidas na região, dentre as quais destacam-se: o cultivo do mamão, cana-de-açúcar, café, limão, maracujá, coco, melancia, mandioca e pimenta-do-reino (CAR, 1997). No entanto, o cultivo de eucalipto é a que apresenta o maior crescimento e evolução, devido a melhor adaptação da cultura as condições naturais, maior investimento do capital privado e mercado, incentivos estatais, inserindo a região nos circuitos dinâmicos da economia mundial (Carneiro, 1994)

A pecuária é desenvolvida em uma extensa área, ocupando territórios que no passado foram utilizadas com cultivos, como o cacau, e de floresta desmatada, representando 60% da área total da região (CAR, 1994). É realizada de forma extensiva, apresenta baixa produtividade, com concentração fundiária e ainda compromete os recursos naturais.

As condições edafoclimáticas são favoráveis ao cultivo de eucalipto que hoje possui a maior produtividade do mundo na região, chegando a 50 m³ de madeira por hectare/ano (Souza e Oliveira, 2002a). Os solos profundos dos tabuleiros, bastante evoluídos, favoreceram o bom desenvolvimento da cultura. O eucalipto introduzido como espécie exótica, não requer muitos nutrientes do solo para o seu crescimento, apresentando bom desenvolvimento nos solos de baixa fertilidade da região, necessitando de alguns insumos para atender as demandas nutricionais. A disponibilidade de água associada às condições de clima quente e úmido, com chuvas bem distribuídas ao longo de todo o ano e luminosidade, também favoreceram uma maior produção de biomassa e adaptação da espécie.

Outro aspecto físico que propiciou o desenvolvimento da silvicultura na região, foi o relevo plano dos topos dos Tabuleiros Costeiros, da Formação Barreiras do Terciário, com topografia favorável à mecanização. O cultivo de eucalipto é 100% mecanizado, desde plantio, tratos culturais e colheita. A técnica de plantio utilizada na região chama-se paisagem-mosaico, que significa cultivar

somente em áreas planas, nos platôs do relevo. O plantio mecanizado garante a uniformidade das extensas florestas homogêneas, reduzindo o percentual de replantio, garantindo a produção de madeira para abastecer as fábricas de celulose.

Na região, o reflorestamento concentra-se em uma vasta área ao sul do rio Jequitinhonha e a leste da BR-101, que foi intensamente desmatada e ocupada, posteriormente por pastagens e, hoje, pelas florestas homogêneas de eucalipto, cultivadas nos tabuleiros costeiros e em solos latossólicos de baixa fertilidade (CAR, 1997).

É importante salientar que as características naturais da região propiciaram prosperidade para a expansão do complexo florestal. Isso repercutiu em transformações socioeconômicas significativas. Este setor representa o vetor de crescimento para o estado nos próximos anos. As perspectivas se caracterizam por mais investimentos, principalmente para o aumento da capacidade produtiva (Souza e Oliveira, 2002b).

As três maiores empresas da região são: a Bahia Sul Celulose, Veracel Celulose e a Aracruz Celulose que produzem celulose branqueada a partir da fibra curta de eucalipto. A Bahia Sul Celulose possui uma unidade industrial em atividade no município de Mucuri, a Veracel no município de Eunápoles e a Aracruz em Nova Viçosa.

A implantação e o desenvolvimento dos empreendimentos florestais e agroindustriais da celulose e papel provocaram um grande impacto na organização socioeconômica regional, alterando as estruturas sócio-produtivas regionais e a dinâmica de uso da terra (Pedreira, 2004). As grandes florestas de eucalipto ocuparam grandes extensões de terras, provocando uma intensa concentração fundiária e substituição de áreas que antes eram destinadas a cultivos e a pastagem. A Tabela 1 apresenta os usos da terra na região no período de 1980-1996.

Tabela 1 – Utilização das terras no extremo sul da Bahia, 1980-1996. Fonte: Censos Agropecuários do IBGE.

USO DA TERRA	1980		1985		1995/96	
	Area (ha)	(%)	Area (ha)	%	Area (ha)	%
Lavouras permanentes	103083	4,94	137908	5,67	84647	4,71
Lavouras Temporárias	82225	3,94	98213	4,04	50208	2,79
Pastagens Naturais	747066	35,82	658242	27,07	472934	26,31
Pastagens Plantadas	535374	25,67	812011	33,39	774740	43,10
Matas e florestas Naturais	374451	17,95	379383	15,60	189966	10,57
Matas e florestas plantadas	30760	1,47	53457	2,20	66600	3,70
Terras em descanso e produtivas não utilizadas	212791	10,20	292601	12,03	158500	8,82
TOTAL	2085750	100	2431815	100	1797595	100

A redução da área de matas e florestas foi numa escala de 184.485 ha se considerado o período de 1980 a 1996. Em 1980 a área de vegetação natural representava 17,95% da área da região, este valor decresce para 10,57% em 1996, representando uma queda de 49,27%, representando os reflexos do desmatamento da Mata Atlântica, inicialmente causado pela exploração de antigos madeireiros e agropecuaristas e logo depois com o reflorestamento na década de 80 (Pedreira, 2004).

A área florestas plantadas em 1980 era de 30.760 ha e representava 1,47% da área da região. Em 1996 esse valor passa para 66.660, menos de 4%. Neste período a área desse uso obteve um aumento de 35.840 ha, representando um crescimento de 116,51% em dezesseis anos.

Segundo a CAR (1997), o desenvolvimento da silvicultura na região Sul deu-se após a sua inserção no Programa de Zoneamento Florestal do Estado, a criação do Fundo de Investimentos Setoriais - Fiset, em 1972, e a instituição do Plano Nacional de Papel e Celulose, pelo Governo Federal, mas somente a partir de 1980 apareceram os primeiros registros da existência de florestas plantadas na região.

As áreas de pastagens em 1980 representavam o uso da terra com maior área, com cerca de 1.282.440 ha e 61,49% da área da região. Em todos os períodos analisados, o uso com pastagem tanto natural quanto plantada, apresenta a maior participação, sendo que a área com pastagens plantadas é maior a partir de 1985, no entanto a área de pastagens no período 1980-1996 apresenta uma queda de 2,71% em sua área de 15,13% se considerado os anos de 1985-1996, uma redução de 222.579 ha.

O uso da terra com lavouras também apresenta uma queda no período analisado. Em 1980 este uso representava 8,88% da área, em 1996 este valor cai para 7,50%, apresentando uma queda de 27,23%. No entanto, de todos os usos analisados o que maior apresentou redução foi o uso com matas e florestas naturais. Vale salientar que o único que apresentou crescimento foi o uso com florestas plantadas. Segundo Almeida (2009), que mapeou áreas de silvicultura no Extremo Sul da Bahia, atualmente a região possui mais de 350 mil hectares plantados com eucalipto distribuídos entre as empresas.

O uso com pastagem domina o uso da terra atual na região; no entanto o cultivo de eucalipto para

a produção de celulose é a principal atividade desenvolvida e mais dinâmica, pois possibilitou a inserção da mesma nos cenários dinâmicos da economia internacional, através dos fluxos de exportação e está em amplo processo de expansão.

As formas de uso da terra ao longo desses últimos anos também repercutiram em transformações e modificações quanto ao número e tamanho das propriedades, uma vez que as empresas do setor necessitam de uma grande quantidade de terras produzindo para manter o funcionamento das indústrias. Para a atividade das empresas foi preciso aglutinar a maior quantidade possível de terra para suprir a demanda por madeira da fábrica.

Analisando o comportamento da estrutura fundiária da região através do Índice de Gini (Figura 2), observa-se uma expressiva concentração fundiária após a década de 70. O Índice de Gini é utilizado para analisar desigualdades, neste caso de distribuição de terras. Varia de 0 a 1, quanto mais próximo de zero maior a igualdade na distribuição das terras e quanto mais próximo de um, maior a desigualdade.

A concentração fundiária é preocupante, chegando em 1996 a 0,744. Se comparado o período de 1970-1996 o crescimento registrado é de quase 30%, mostrando uma grande concentração, e que esta vem aumentando cada vez mais após a década de 1970, coincidindo com a entrada da silvicultura na região.

O que se verifica é que a atual configuração da estrutura fundiária do extremo sul é explicada pelo processo histórico de ocupação e povoamento, que no último século esteve fortemente relacionada com a pecuária, e recentemente com a entrada da silvicultura acabou por aumentar esse problema.

Segundo o IOS (2005) a expansão de atividades extensivas, tais como a pecuária e o reflorestamento, são apontadas como principais causas da concentração fundiária e do êxodo rural na região.

No que se refere aos impactos fundiários das plantações de eucalipto, informações colhidas junto à Bahia Sul, dão conta de que ela necessita de uma área com plantio em torno de 70.000 ha de eucaliptos para tocar a sua planta industrial (Carneiro, 1994). Na década de 90, 6% dos estabelecimentos rurais do extremo sul possuíam quase 60% da área agricultável

da região.

As mudanças nos padrões de uso e ocupação da terra também repercutiram em transformações sócio-demográficas na região (SEI, 2003). Segundo Pedreira (2004), analisando as transformações sócio-econômicas no extremo Sul da Bahia em decorrência da introdução do cultivo de eucalipto, afirma que houve diminuição dos postos de trabalho no campo e a perda da importância do trabalho familiar devido às novas formas de uso da terra, forçando a população a migrar para as áreas urbanas dos municípios da região em busca de melhores oportunidades de vida.

Segundo o mais recente levantamento censitário realizado pelo IBGE de 2000, a Região Extremo Sul com um contingente populacional de 664.850 habitantes (Figura 3), é a sétima região do Estado da Bahia em porte demográfico (SEI, 2003). Nota-se um acelerado crescimento da população no período de 1980-2000 e uma migração acentuada do campo para a cidade na maioria dos municípios. A região é a segunda mais urbanizada da Bahia perdendo apenas para a Região Metropolitana de Salvador.

A população se distribui muito irregularmente entre os 21 municípios. Há um processo acelerado de crescimento populacional na região em apenas 20 anos. Em 1980 havia mais de 456.000 habitantes na região. A partir de 2000, este número passou para mais de 660.000 habitantes representado um crescimento de aproximadamente mais de 44%.

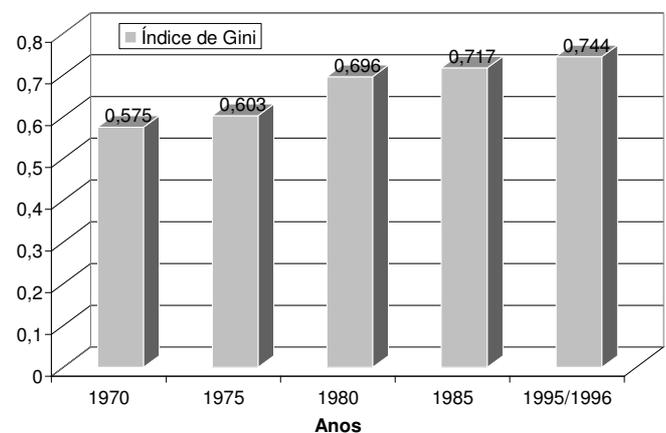


Figura 2 – Índice de Gini extremo sul da Bahia. Fonte: Censos Agropecuários *apud* Pedreira (2004).

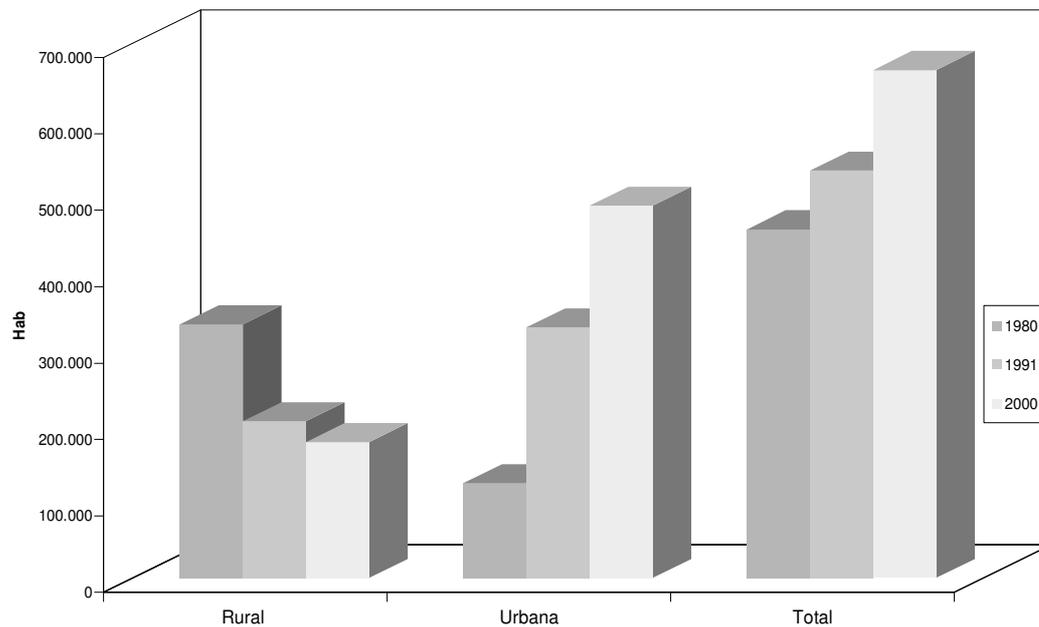


Figura 3 – População urbana-rural extremo sul da Bahia, 1980-2000. Fonte: Censos Demográficos IBGE *apud* SEI (2003).

A maioria da população da região vive na zona urbana. Apenas os municípios de Alcobaça, Caravelas, Guaratinga, Jucuruçu e Vereda possuem a maioria de seus habitantes residindo no

meio rural. É importante ressaltar que 60% dos municípios baianos possuem a maioria da sua população na zona rural e que no extremo sul, 19 municípios perderam população na zona rural.

Todos os municípios da região ampliaram a quantidade de pessoas vivendo nas cidades. Em relação ao grau de urbanização, observa-se que os municípios mais populosos em 2000: Teixeira de Freitas, Eunápolis e Porto Seguro – são os mais urbanizados da região. Os dois primeiros municípios possuem taxas superiores a 90%.

Os municípios de Belmonte, Caravelas, Guaratinga, Lajedão, Ibirapoã, Itanhém, Itamaraju, Itagimirim, Itapebi e Medeiros Neto apresentaram esvaziamento do meio rural. Os municípios de Porto Seguro e Santa Cruz Cabralia apresentaram crescimento da população rural que se encontra associado à expansão do turismo, que tem avançado sobre as áreas rurais destes municípios (SEI, 2003).

Nota-se que desde a década de 1980 há um crescimento expressivo da população urbana. Em 1980, a população rural era de 332.164 habitantes, representava mais de 80% da população total da região, enquanto que a urbana era de apenas 124.299 habitantes. A maior redução da população rural observada é no período até a década de 1990 com uma queda de 51%, coincidindo com período de expansão da silvicultura pela região.

Na década de 1980 observa-se um baixo grau de urbanização do extremo sul. É marcante a urbanização que ocorreu nas últimas décadas. Com a privatização do espaço rural, a alternativa para o trabalhador foi o meio urbano para conseguir condições de vida mais favoráveis, onde contribuiu para o inchamento das cidades, formando bairros periféricos, sem planejamento urbano (Machado, 1999).

Em 2000 a população urbana é de 423.943 habitantes, representando 77,3% da população total, havendo um crescimento de 291% em relação a 1980.

Em 2000 a população urbana da região era 239,60% maior que a rural.

Isso é um reflexo das consequências das medidas e condições adotadas no campo. As ONGs da região consideram que os projetos da indústria de celulose acentuaram o êxodo rural, a migração populacional, inchando as cidades e gerando problemas sociais (IOS, 2005).

Como reflexo do processo de urbanização, observou-se a perda de importância relativa do setor primário como absorvedor da mão-de-obra e aumento progressivo dos setores secundário e, sobretudo, terciário, na absorção dessa mão-de-obra (SILVA, 1993). O acoplamento da atividade de reflorestamento à produção industrial de papel e celulose, bem como a insumos deste ramo, resultou em novos impactos sócio-demográficos (SEI, 2003).

Os impactos causados pela implantação do cultivo de eucalipto resultaram em modificações sócio-demográficas, transferindo grande parte da população do campo para cidade, sendo atrativo populacional somente no período de instalação das fábricas.

4. CONCLUSÕES

A instalação e alta produtividade do eucalipto no extremo sul da Bahia foi possível devido às condições edafoclimáticas e recursos humanos da região, atrativos locais, que propiciaram prosperidade para o desenvolvimento da silvicultura com o investimento de grande capital por grupos econômicos. Observa-se que os recursos naturais encontram-se extremamente ameaçados devido às atividades agropecuárias que estão sendo desenvolvidas.

O seguimento de celulose e papel tem provocado várias mudanças ou reorganização da esfera produtiva no espaço regional. Houve o direcionamento da população do meio rural para o urbano em consequência das mudanças nos padrões de uso da terra, que repercutiram em concentração fundiária gerada pelo capital empregado no campo, e redução das áreas de matas em decorrência da expansão da silvicultura.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alcoforado, F. 2003. Os condicionantes do desenvolvimento do estado da Bahia. Tese (Doutorado em Planificación Territorial y Desarrollo Regional) - Universidade de Barcelona, Barcelona, 389p.

Almeida, T. M. de. 2009. Cultivo de eucalipto no Extremo Sul da Bahia: modificações no uso da terra e socioeconômicas. Dissertação. (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 123p.

Bernardes, M.S.; Lima, S.F.F.; Teramoto, E.R.; Righi, C.A.; Bernardes, A.S. 2000. Recuperação de solo degradado com sistema agroflorestal no extremo Sul da Bahia. In: XIII Reunião brasileira de manejo e conservação do solo e da água, Ilhéus.

Carneiro, R. A. F. 1994. A indústria de papel e celulose no Extremo Sul: estágio atual e perspectivas. Bahia análise e dados, Salvador, CEI, v.4, n.2/3, p.206-217.

CEI - Centro de Estatísticas e Informações. 1992. Perfil da região econômica Extremo Sul. Salvador, (Série Perfis Regionais, 1) 64p.

CRA - Centro de Recursos Ambientais. 2001. Bacia Hidrográfica do Extremo Sul. Portal do Sistema Estadual de Informações Ambientais da Bahia. 2001. Disponível em: <seia.ba.gov.br/SGDIA/transarq/arquivos/Bacia%20Hidrografica/...%202000/ARQUIVO/extremo_sul.pdf>. Acesso: 20, jun, 2007.

Clemente, A. 1994. Economia Regional e Urbana. São Paulo: Ed. Atlas.

CAR - Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional. 1994. Política de desenvolvimento para o extremo sul da Bahia. Salvador; 142p.

CAR - Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional. 1997. Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável - PDRS: Sul da Bahia - Salvador, 217p.

Couto, E. A. 2004. Diagnóstico estratégico do Sul da Bahia. Revista eletrônica Cesesb, Itamaraju, v 3, n 2, p. 01-16.

Dantas, M. E. & Medina, A. I. de M. 2000. Geomorfologia. Projeto Porto Seguro/Santa Cruz Cabrália. Salvador: CPRM-SUREG/AS.

Dantas, M. E.; Medina, A. I. de M.; Shinzato, E. 2002. Geomorfologia da Costa do Descobrimento Extremo Sul da Bahia: municípios de Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália. Augustus, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 41-47, jan./jun.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Censos Agropecuários. Disponível em: <ibge.gov.br>. Acessado em: 15, set, 2005.

IOS - Instituto Observatório Social. 2005. Responsabilidade social na Veracel Celulose. Disponível em: <sask.fi/media/noudettavat/Veracel/veracelReIRS_jul2005vfr.pdf>. Acessado em: 03, jun, 2006.

Machado, G. B. 1999. Formação regional e movimentos sociais rurais no Extremo Sul da Bahia, nos anos 90. Disponível em: <gipaf.cnptia.embrapa.br/intens/publ/sober/trab254.pdf>. Acessado em: 05, jun, 2006.

Medeiros, M. C. 2009. Geografia econômica do setor agroalimentar brasileiro: investimentos, recursos ociosos e dinâmica cíclica. Tese. (Programa de Pós-graduação em Geografia Humana). Universidade de São Paulo, São Paulo, 262p.

Pedreira, M. da S. 2004. Complexo florestal, desenvolvimento e reconfiguração do espaço rural: o caso da Região Extremo Sul baiano. Bahia análise e dados, Salvador, v.13, n.4, p.1005-1018.

Santos, C. S.; Silva, J. L. C. 2004. Os impactos do plantio de eucalipto e da produção de celulose em comunidades tradicionais no extremo sul baiano. Disponível em: <anppas.org.br/encontro/segundo/papers/GT17/gt17_jose_caetano.pdf>. Acesso em: 10, jun, 2006.

Silva, E. R. 2003. Desenvolvimento rural: um estudo sobre a região extremo sul da Bahia. Dissertação (Pós-graduação em Economia Rural). – Universidade Federal do Ceará - UFCE, Fortaleza, 147p.

Stal, E. 2008. O efeito de políticas públicas sobre a atratividade dos países emergentes para a realização de atividades de inovação tecnológica por empresas multinacionais. Revista Eletrônica de Negócios Internacionais, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 217-234.

Souza, R. L. de; Oliveira, M. J. L. de. 2002. Análise do setor de papel e celulose de mercado na década de 90: mundo, Brasil e Bahia. In: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia - SEI. Dez anos de economia baiana. Salvador, p. 65-89.

Souza, R. L. de; Oliveira, M. J. L. de. 2002. Desempenho da indústria de papel e celulose de mercado: Brasil e Bahia 1999/2001. Conjuntura & Planejamento, Salvador, v.1, p. 19-29.

SEI - Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. 2003. Dinâmica sociodemográfica da Bahia: 1980-2002. Salvador, 2 v, (Série Estudos e Pesquisas, 60) 449p.